

Ein Zeitim ou Bror Chail?

ENQUANTO continuávamos a trabalhar e preparar-nos em Afikim, foi-se desenvolvendo, no grupo, a psicologia característica de véspera de saída para colonização, o interêsse pelos prováveis lugares de nosso estabelecimento, etc.

O *Ichud Hakvutzot Vehakibutzim*, nossa Federação Kibutziana, apresentou-nos, porém, uma nova proposta. Existiam na Federação alguns *kibutzim* que, após a cisão, haviam ficado numéricamente muito enfraquecidos, correndo perigo de desaparecer; nestas circunstâncias, a Federação negava-se a concordar com a saída para novas colonizações, mas optava pela ligação de grupos novos aos pontos que, de outra forma, se perderiam.

As discussões conosco foram longas, e a atmosfera interna, entre nós, amarga. Colonização própria é o desejo normal de todo grupo, era-o mais ainda de um grupo forte como o nosso, suportado por um movimento que aprovara e queria o erguimento de um lugar de vida próprio.

A Federação argumentava que, segundo a nova fórmula, todos nossos desejos continuavam de pé. Os lugares em vista para o grupo brasileiro possuíam pouquíssimos *chaverim* antigos e patrimônio econômico apenas incipiente, onde todos os ramos profissionais tinham que ser, ou criados, ou desenvolvidos. Seríamos tanto os donos absolutos do lugar, como êste nossa casa e a casa de nosso movimento.

Por três razões acabamos concordando: porque a posição da Federação, não querendo deixar desaparecer um ponto para criar outro, era justa; porque era verdadeiro o argumento que, na prática, seria quase a mesma coisa que um começo próprio; e em último e talvez principal lugar, porque a Federação mantivera-se inabalável em sua opinião sôbre o assunto. Não tivemos outra alternativa, então, senão examinar as propostas que nos apresentaram: Ein Zeitim e Bror Chail.

Ein Zeitim localizava-se no Galil Superior, perto de Sfat. Durante a guerra fora uma posição extremamente importante, pequeno ponto cercado de aldeias árabes belicosas, e a comunidade conseguira aguentar vitoriosamente o ponto avançado. Agora, porém, com as novas fronteiras, sua importância militar se tornara muito pequena. Além disso, situava-se entre altas montanhas; terras para cultura extensiva, não havia. A região prestava-se apenas para árvores frutíferas. Futuro *kibutziano*, restrito. Possibilidades de formar empresas conjuntas com outros *kibutzim*, também não, não havia outros *kibutzim* pela redondeza. Uma região pobre, áspera, de condições precárias para a maioria dos ramos de produção *kibutzianos*. Conteria ainda com uns vinte *chaverim*. O resto abandonara.

Bror-Chail, no Shaar Haneguev (Portão do Neguev), ao contrário. Situava-se no Neguev e a conquista dessa região é hoje o alvo e a direção de todo movimento colonizatório em Israel, como já o foram, no passado, o Emek e o Galil. Sua situação militar era importantíssima: próxima à fronteira egípcia, dominando uma via fundamental de comunicação, e colocado na passagem israelí entre as pontas jordânicas e egípcias. Fora isto, uma região rica em *kibutzim* jovens, quase todos de nossa federação, portante, excelente futuro para atividades e empresas conjuntas. Terras de boa qualidade, água em abundância, índice de chuvas muito bom, tomando em conta a região.

Apesar da diferença de condições, houve discussões importantes em nosso grupo. Parte dos *chaverim* fôra atraída pelo aspecto idealista das grandes dificuldades de viver em Ein Zeitim. Outra discussão houve devido ao grande número de *chaverim* em Bror-Chail, cerca de 50, de *alioth* diversas do movimento Habonim do Egito, mas que não formavam conjunto, não possuíam ligação entre si, estavam cansados, e dos quais, ano e meio depois, restariam menos que vinte.

Prevaleceu, por fim, o ponto de vista favorável a Bror-Chail: uma vez que Ein Zeitim não nos convinha, que a Federação estava inabalável quanto a uma saída independente nossa, era Bror Chail, então, a solução realmente melhor.

COMO ERA O GRUPO BRASILEIRO EM VÉSPERAS DE SEU ESTABELECIMENTO?

Como era o grupo brasileiro, no dia em que se preparou para subir a Bror Chail? Longe estavam já os tempos da *hachshará* no Brasil, apesar de que apenas dois anos se haviam passado. Mas dois anos na vida de um grupo jovem podem significar muito, e êstes dois anos haviam sido plenos de experiências como dificilmente teríamos outros. Tínhamos chegado ao país, um grupo unido, um pensamento comum, um destino claro. Nossa união havia sofrido crises, se havia retemperado novamente na forja das novas experiências, nosso pensamento tinha sofrido profundas revoluções antes de se solidificar ao redor de novos conhecimentos, nosso destino mudara de direção diversas vêzes.

Tínhamos aprendido uma língua nova, e mesmo não perfeitos nela — e é difícil tornar-se perfeito numa língua em dois anos — era nosso nível de *ivrit* mais alto que o de qualquer outro grupo de fora no país. Muitas coisas tínhamos aprendido, muitas coisas havia ainda a aprender. Nossa cultura hebraica, quer no aspecto popular, quer no mais erudito, deixava muito a desejar. O hábito da atividade cultural israelí, a comemoração das festas, as dansas, as canções, apenas lentamente iam penetrando em nossas cabeças, em nossos corpos, em nossos hábitos.

Cansados estávamos já de de viver situações de provisoriedade e preparação, sentíamos o quanto era estéril permanecer exagerado tempo fora de condições definitivas de vida e criação. Nosso último ato, como grupo, antes de ingressarmos em Bror Chail, foi a criação de um Estatuto do grupo. Representava a síntese de nossa experiência e observação no país, e serviria tanto para reger nossa vida como para apresentar aos veteranos de Bror Chail a nossa forma de pensar e viver os problemas da organização social *kibutziana*.

Nosso estatuto estabelecia o nível de vida comum da coletividade, tratava dos direitos de antiguidade (*vetek*) em questões como moradia, etc., fixava as normas que cada *chaver* receberia de roupa e de móveis. Assentava nossos períodos de trabalho e nossos períodos de descanso, as condições para admissão de novos candidatos de fora e *chaverim* de nosso movimento, regulava nossas assembléias gerais, comissões e cargos, enfim, estendia-se às coisas mais importantes da vida social de uma comunidade como a nossa.

Nosso estatuto não era rigoroso por amor ao rigor ou puro por amor à pureza; nunca acreditámos no cultivo destas e de outras qualidades por amor a elas mesmo. Tínhamos aprendido a moldar nossas leis sociais segundo uma finalidade concreta e prática: criar com elas as condições de vida coletiva que, dentro de nossos princípios, criassem o máximo de harmonia e a melhor disposição possível entre todos os companheiros, para lançarmo-nos vigorosamente à construção de nossa casa. E assim, entramos em Bror Chail.